Filiado à CUT/FENAJUFE

Sindjus

Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário
e do Ministério Público da União no DF

Impresso Especial
Sindjus-DF
CORREIOS

Ano XVIII - nº 65
Abril de 2010

EDIÇÃO ESPECIAL • BRASÍLIA 50 ANOS

A cidade é nossa

Dos manifestantes, dos estudantes, das crianças, dos artistas, dos voluntários, dos místicos, dos servidores, dos professores, dos aposentados... Neste 21 de abril, parabéns a todos nós

Capital traída

TT CATALÃO

“Eles aviltam o suor candango”

A capital foi decapitada em 64, pela ditadura deles, mas resistiu; a capital foi ultrajada pela arrogância, deles, que criaram currais eleitorais na distribuição de lotes e horRORIZaram a cidadania, mas sobreviveu; a capital foi traída por eles, em sua confiança, quando o que seria um “renascer”, uma “retomada” da sua utopia foi jogada no ralo das meias e infâmias. Precisa levantar. Eles não nos merecem.

Eles são selos cúmplices do silêncio comprado, são celas acarpetadas com ares de gabinetes, são as salas perfumadas pelos dejetos lobistas. Eles são o que são porque, de certo modo, permitimos a existência deles. E não percebemos as máscaras da conversa fácil como simulacro de um caráter frívolo. Eles nos desacatam com tamanho escárnio que só nos resta aprender como servir melhor para que eles nunca mais voltem...

▶ CONTINUA NA P. 26

FOTO: ARQUIVO PÚBLICO DO DF

ARTHUR MONTEIRO

Manifestação no STF em dezembro de 2009: na luta pelo PCCR

AO LEITOR

Pressão total

ROBERTO STUCKERT

Roberto Policarpo
Coordenador-geral do Sindjus

Pressão! Esta é a principal palavra no dicionário de aprovação de um plano de cargos e salários. Foi assim nas versões anteriores e continuará a ser assim em relação à atual proposta de PCCR que está na Câmara. Nunca foi fácil passar pelas comissões em tempo hábil. Sempre tivemos que pressionar muito. Agora não será diferente. Temos de mostrar aos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário e ao Ministério Público a nossa mobilização. O sindicato já colocou adesivos pela aprovação imediata dos projetos à disposição dos filiados. Sem dúvida, esta é uma luta para levar no peito e viver vinte e quatro horas por dia.

Não dá para dar moleza, para esmorecer, para esperar tudo se resolver sozinho. Braços cruzados não combinam com planos como esses. O que faz a diferença é a nossa pressão. Por isso nós, diretores, estamos fazendo inúmeras incursões à Câmara para pressionar os deputados responsáveis por apreciar nossos projetos. Já convencemos o relator, deputado Sabino Castelo Branco, e o presidente da Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público, Alex Canziani, a trabalharem para que a votação das nossas matérias se dê o mais rápido possível. Trabalho semelhante será feito nas outras comissões.

Desde o momento em que aceitamos, em conjunto, lutar pela revisão do plano vigente, sabíamos que seria uma luta contra o tempo, que o embate seria em ano eleitoral e que o Ministério do Planejamento alegaria falta de orçamento para viabilizar nosso projeto. Por isso, ao contrário de se lamentar, reclamar e redimensionar as dificuldades, nós temos de arregaçar as mangas e ir à luta. Somos combativos ou não? O Sindjus tem realizado *blitz* na Comissão para pressionar os deputados. Você já participou de alguma? O nosso sindicato disponibilizou cartas eletrônicas para serem enviadas para o email dos membros da Comissão. Você já enviou a sua?

Como disse no começo deste texto, a palavra de ordem é pressão. Estamos cumprindo as fases iniciais desse processo, que pode nos levar a uma nova greve. No entanto, é preciso nos mobilizar desde já. O movimento de pressão precisa ganhar corpo. A categoria tem de vir a campo. A experiência nos ensina que é com mobilização, e mobilização intensa, que chegaremos lá. Tudo o que está ao alcance do sindicato nesse momento tem sido feito. Os diálogos com os Três Poderes continuam sendo realizados com frequência, para sairmos vitoriosos dessa luta. Mas a categoria precisa abraçar a causa, solidarizando-se às atividades do sindicato.

Afinal, ainda estamos no começo da caminhada relativa ao Congresso Nacional. Temos de aquecer nossas baterias para enfrentar os obstáculos da Comissão de Finanças. A palavra de ordem maior é pressão, mas há outras extremamente necessárias para viabilizar nossa luta: determinação, coragem e confiança são algumas delas. Esperamos que os servidores do Poder Judiciário e do MPU dêem novamente uma demonstração de garra e virtuosismo. Afinal, somos ou não somos uma categoria vencedora?

"Nunca foi fácil passar pelas comissões em tempo hábil. Sempre tivemos que pressionar muito. Agora não será diferente. Temos de mostrar aos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário e ao MPU a nossa mobilização"

O papel da UnB na capital da cidadania

ARTHUR MONTEIRO

José Geraldo de Sousa Junior
Reitor da Universidade de Brasília, professor da Faculdade de Direito e coordenador do projeto *O Direito Achado na Rua*

"Pela primeira vez na história do país se observou a edificação de uma cidade quase que simultaneamente à edificação de sua universidade. Não houve um momento em que não houvesse uma classe intelectual presente"

O pró-labore de José Geraldo para este artigo é doado mensalmente à campanha de voluntariado *Eu Doo Talento* (veja em www.sindjusdf.org.br)

A Universidade de Brasília, sem dúvida, corporifica muito da história da capital. Criada a 15 de janeiro de 1962, contemporânea pois da própria cidade que lhe serve de berço, provocou uma circunstância *sui generis:* pela primeira vez na história do país se observou a edificação de uma cidade quase que simultaneamente à edificação de sua universidade. Não houve um momento em que não houvesse uma classe intelectual presente.

Mais do que isso: não foi o caso, diferentemente das demais universidades brasileiras, de se criar uma instituição que tivesse de se adaptar às características identitárias regionais de sua cidade mãe. A identidade de Brasília é cronológica e socialmente indissociável da identidade da UnB.

Em sua vida política, teve oportunidade de acompanhar as idas e vindas de mais de quinze presidentes nos mais diferentes regimes de Estados novos, novíssimos e enfim democráticos. Foi também abalada em 64, reformada em 68, solapada pela ditadura militar e ressurgida das cinzas em 85, compartilhando um passado de cumplicidade com Brasília.

Também fisicamente as trajetórias se entrelaçam: ocupando, de acordo com o projeto arquitetônico e urbanístico, um espaço nobre e central, o campus da Universidade não se restringe aos limites institucionais e se confunde com a própria cidade. Cresceram juntas, e os treze mil metros quadrados iniciais de área construída hoje somam 464 mil, que abrigam não somente os 413 estudantes que inauguraram as salas de aula, mas já cerca de 33 mil jovens e adultos que contribuem para oferecer à sociedade o retorno do investimento em sua formação.

Isto porque a instituição universitária que ampara e media a relação entre o intramuros e a cidade não pode estar acima da ciência de que estamos todos, cidadãos, moradores e vizinhos, usufruindo bens comuns, princípio que tem raiz nas diretrizes originais da Universidade. Como expressa um de seus principais fundadores, Anísio Teixeira, em 1961, "queremos que a Universidade de Brasília não seja apenas a 28ª universidade do Brasil. Queremos que ela concretize uma mudança real e seja um instrumento de promoção de cultura e de soluções de problemas, voltada para o meio social exterior, (...) preocupada com o desenvolvimento da sociedade".

É a partir dessa bonita relação de troca, de retroalimentação, que a UnB vem consolidando seu espaço na constituição de Brasília numa disposição educadora para que se forme aqui uma capital da cidadania.

É para fazer jus a essa responsabilidade que a UnB busca aprimorar cada vez mais os seus serviços à comunidade, como se pode observar nos resultados da realização da sua IX Semana de Extensão, onde mais de 22 mil inscritos de todas as idades e origens puderam participar das cerca de 400 atividades oferecidas ao público, ou nos serviços permanentes, como o Hospital Universitário de Brasília (HUB), a Biblioteca Central e a presença multi-*campi* (Planaltina, Gama e Ceilândia).

Para brindar, ainda, o aniversário da capital foi organizada a comissão "UnB 50 anos de Brasília", composta por professores da universidade, alunos, ex-alunos, representantes do governo federal e personalidades da mídia e da cultura locais. Seu objetivo é propor e realizar atividades que fomentem a reflexão e a análise de grandes temas relacionados à história, à cultura, à sociedade e ao futuro de Brasília. A programação e sobretudo o processo de reflexão, que já vêm tomando lugar no âmbito da Universidade e que se desenvolverão durante todo o ano jubileu de 2010, podem ser conferidas no endereço eletrônico: http://unb50bsb.wordpress.com.

Agradeço à estagiária Layla Jorge as idéias e a preponderante contribuição para a redação deste texto.

EDIÇÃO
ESPECIAL

RINALDO MORELLI

Brasília de todos nós

Nesta edição especial em homenagem aos 50 anos da cidade, oito fotógrafos mostram sua visão da *Brasília viva:* aquela que nós habitamos, ocupamos e modificamos a cada dia. Publicamos, pela primeira vez, a história do sindicalismo no DF, marcada pelo suor dos pioneiros e nascida de uma tragédia que o governo tentou abafar, em 1959. Segundo o reitor da UnB, José Geraldo de Sousa Junior, essas lutas sociais foram fundamentais para o processo de amadurecimento político do DF – leia a entrevista nas páginas 18 a 21.

Na seção *Outros Eus*, conheça a escritora Custódia e seu romance que mistura realidade e ficção ao relatar a saga dos candangos. No poster central, TT Catalão desabafa contra "eles", os do "poder sem pudor", os das "pegadas de lama". Mas, em contraponto à indignação contra os políticos sanguessugas, lançamos nesta edição a série *Brasília do Bem*, inaugurada com a história da servidora do TST Márcia Miranda e sua grande família, todos voluntários em projetos sociais.

As cerca de 700 entidades espiritualistas com sede DF motivaram a reportagem sobre a vocação ecumênica da cidade, que ajuda até a incrementar o turismo. Preparamos também um apanhado sobre os museus, que oferecem um amplo leque de opções para passear e, de quebra, enriquecer a educação das crianças. Por fim, a reportagem visual sobre sobre o nosso patrimônio tombado mostra um dos principais elementos que valorizam a cidade: os amplos espaços.

Sindjus

www.sindjusdf.org.br

Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário e do MPU no DF
SDS, Ed. Venâncio V, s. 108 a 114, Brasília-DF, 70393-900 • (61) 3212-2613

Coordenadores-Gerais
Ana Paula Barbosa Cusinato
Berilo José Leão Neto
Roberto Policarpo Fagundes

Coordenadores de Administração e Finanças
Cledo de Oliveira Vieira
Jailton Mangueira Assis
Raimundo Nonato da Silva

Coordenadores de Assuntos Jurídicos e Trabalhistas
José Oliveira Silva
Marília Guedes de Albuquerque
Newton José Cunha Brum

Coordenadores de Formação e Relações Sindicais
José Joventino Pereira de Sousa
Antônio José Oliveira Silva
Eliane do Socorro Alves da Silva

Coordenadores de Comunicação, Cultura e Lazer
Sheila Tinoco Oliveira Fonseca
Maria Angélica Portela
Valdir Nunes Ferreira

CAPA: FOTOS DE ARTHUR MONTEIRO, JORGE DIEHL E MARCELLO CASAL

Revista do **Sindjus**

Edição
Usha Velasco (DRT-DF 954/99)

Reportagem
Carlos Tavares
Daniel Campos
Fabíola Góis
Thais Assunção

Colaboradores
José Geraldo de Sousa Junior
TT Catalão

Revisão
Ana Paula Barbosa Cusinato

Projeto gráfico e arte
Usha Velasco

Tiragem
15.000 exemplares

Cidade viva

Nem só de concreto é feita a capital, nem só de políticos é feito o seu povo. Muito pelo contrário. Vista de perto, do lado de dentro, Brasília joga por terra os chavões, passa ao largo da preconceitosa visão de fria ou burocrática e nos acolhe em seus espaços amplos, seus bosques exuberantes e sua paradoxal beleza que mescla a cidade-monumento aos ares de cidadezinha do interior. Em homenagem a essa beleza, oito fotógrafos aceitaram o convite da Revista do Sindjus e mostram aqui a sua visão da vida em Brasília.

Pista de skate entre o Cruzeiro e a Octogonal • Foto de **Arthur Monteiro**

As cores e a fila na rodoviária do Plano Piloto • Foto de **Luísa Molina**

Agosto na UnB: ipês amarelos explodem • Foto de **Jorge Diehl**

Pequena bailarina vai às aulas na 303 sul • Foto de **Susana Dobal**

A vida invade as esculturas de concreto • Foto de **Usha Velasco**

Arte por toda parte: obras coletivas dominam as paredes na W3 sul e norte • Foto de **Usha Velasco**

Às margens plácidas do espelho d'água, na 308 sul • Foto de **Arthur Monteiro**

Setor Comercial Sul às 8h da manhã: ares de feira • Foto de **Usha Velasco**

A paz do Parque da Cidade • Foto de **Jorge Diehl**

No centro, à noite • Foto de **Hélio Rocha**

As quadras também são parques • Foto de **Rinaldo Morelli**

Não, nós não erramos de cidade...
Os surfistas realmente vão ao lago treinar braçadas • Fotos de **Leonardo Amaral**

JK acena para nós e nós acenamos para ele • Foto de **Hélio Rocha**

Os cubos de Athos voltam ao Teatro, após uma longa ausência • Foto de **Jorge Diehl**

Camelôs: planejamento cede espaço à escala humana • Foto de **Luísa Molina**

Parada de ônibus na 215 norte: sensação de morar num bosque • Foto de **Usha Velasco**

Pioneiros do sindicalismo

Movimento sindical no DF nasceu com massacre de operários em 1959, sobreviveu ao golpe militar e hoje é um grande mobilizador das lutas sociais

ARQUIVO PÚBLICO DO DF

Carlos Tavares

Aquele carnaval de 1959 foi a gota d'água que fez transbordar a paciência dos mais de 1.200 operários de um dos acampamentos de obras da futura capital. Cansados de serem maltratados e receber diariamente a pior alimentação de todos os canteiros de Brasília, um pequeno grupo de trabalhadores atirou fora a comida – que estava estragada – e em seguida começou a bater os pratos de alumínio nas mesas. Foi o bastante para um dos homens da construtora Pacheco Fernandes avisar aos policiais da temida Guarda Especial de Brasília (GEB) que os operários estavam revoltados e haviam iniciado um conflito.

Como a história é sempre escrita pelos vencedores, há inúmeras versões para o episódio que ficou conhecido como "o Massacre da Pacheco Fernandes". Oficialmente houve apenas um morto. Vários outros relatos apontam dezenas ou até centenas de trabalhadores assassinados a tiros covardemente, enquanto dormiam num galpão de madeira montado na atual Vila Planalto. Fotos que o jornalista Dídimo Paiva, do extinto *Binômio*, de Belo Horizonte, conserva em seus arquivos, mostram três linhas de furos de balas em uma das laterais do dormitório, que só poderiam ter sido projetadas por metralhadoras.

"Esse conflito se deu porque a construtora não quis deixar os operários sairem da obra para brincar o carnaval em Formosa, Luziânia e em outras cidades próximas. Além disso eles já vinham reclamando da comida, que era muito ruim, mas a administração não fazia nada. Então ocorreu o atrito que terminou em morte", afirma o advogado José Oscar Pelúcio, 80 anos, que ajudou a estruturar diversos movimentos sindicais na capital e que ainda está em plena atividade.

A história nega fatos, mas não pode simplesmente rasurar os testemunhos de quem sobreviveu à carnificina. Um dos mais ricos materiais de pesquisa sobre o acontecimento é o filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*, do cineasta Vladimir Carvalho. Nele aparecem diversas pessoas contando como escaparam ao cerco ao acampamento. Aparecem viúvas, filhos de operários e outros parentes. Niemeyer se irritou com a insistência de Vladimir em ouvir sua opinião: "Corta isso, corta!", exigiu ríspido. Mas o diálogo está registrado na obra. Lucio Costa chegou a dizer que tudo não passava de "exagero".

Suor e sangue

Exagero, realidade, tragédia, massacre ou mito, a verdade é que, ironicamente, foi preciso derramar o sangue de trabalhadores inocentes e desarmados para nascer o primeiro sindicato de trabalhadores do Distrito Federal, o da construção civil, que em março de 2010 completou 51 anos. Eles desejavam apenas o direito de uma boa alimentação e de se divertir no carnaval, "mas a firma [a Pacheco Fernandes construiu o Palácio do Planalto, entre outros prédios] não queria saber disso, o carnaval ia atrasar a obra, com os trabalhadores de ressaca, e isso ia afetar em seu faturamento", resume o advogado Geraldo Campos, 84 anos, que chegou a Brasília em 1958 para trabalhar na Novacap e esteve no acampamento da Vila Planalto no dia seguinte ao conflito.

Campos viu os estragos no barracão, mas não os corpos dos mortos. Havia sinais de luta e confusão, marcas de bala e manchas de sangue. "Os trabalhadores contaram que muitos deles apanharam, outros foram feridos, levaram tiros e muitos foram mortos. Depois os corpos foram levados em caminhões-caçambas e atirados em vários pontos distantes do acampamento. Não sei dizer quantos foram. Mas a verdade é que foi preciso ocorrer essa tragédia para nascer o

Obras da capital: milhares de trabalhadores indefesos diante de abusos de empreiteiras

primeiro sindicato do DF", lamenta o pioneiro, que ajudou a enviar para o Rio de Janeiro e outras capitais os telegramas denunciando a tragédia.

Se atualmente morrem no Brasil diariamente mais de 800 trabalhadores do setor industrial por acidentes de trabalho, segundo dados oficiais, dá para imaginar como era a situação quando se instalava, no cerrado coberto de poeira e de segredos, a chamada "capital da esperança". "As pessoas que vinham para cá eram pessoas simples, que trabalhavam na roça e não tinham contato com técnicas de construção. Além disso estavam desprotegidas, não havia quem as defendesse", avalia Vladimir Carvalho.

ARTHUR MONTEIRO

Vladimir Carvalho: documentário conta a história não oficial

Oscar Pelúcio e Geraldo Campos, pioneiros do sindicalismo no DF: trajetória do *per si* para o coletivo

Sempre forte, sempre ativo

Hoje, 51 anos após a tragédia que representa um dos lados mais obscuros da história de Brasília, apenas um marco assinala o local: o cristo operário esculpido pelo artista plástico Gougon, com um par de luvas de couro e um crucifixo abraçado por uma corrente. Está em um modesto pedestal na Vila Planalto, mas pouca gente da própria cidade capta o significado da obra. A corrente representa a verdade aprisionada pela história dos poderosos, segundo Gougon. As luvas de couro simbolizam o homem que fez a cidade e que depois se fez e conquistou o seu lugar, pouco a pouco, com a formação de uma consciência social que gerou cidadania e esperança, ao longo de cinco décadas de luta por seus direitos.

Sobre a construção dessa nova mentalidade, Geraldo Campos acredita que, ao se reunir em um sindicato, os operários, que antes só pensavam em receber o salário para enviar às famílias, saíram do estágio do *per si* para o coletivo. Começaram a perceber que havia uma realidade maior em torno e que poderiam se organizar mais.

"Quando aconteceu o massacre, o Heitor Silva falou sobre o risco de passar amanhã o que os operários da Pacheco Fernandes passaram hoje. Ele foi de obra em obra para conscientizar os trabalhadores e isso foi muito importante para o movimento que surgia", atesta Campos. Heitor Silva foi um dos pioneiros na formação dos primeiros sindicatos da capital, ao lado de Geraldo Campos, José Oscar, Benedito Chavita, Humberto Schetino e Adelino Cassis, entre outros companheiros do extinto Partido Comunista Brasileiro.

Mais de 50 anos após o ocorrido, o nome de um desconhecido mestre de obras ainda está presente na memória de Campos: Assunção. "Os telegramas não poderiam sair daqui porque Israel Pinheiro não ia deixar. Então o Assunção se ofereceu para ir a Goiânia ou a Anápolis e de lá passar os telegramas denunciando o massacre", lembra o pioneiro. Segundo ele, o presidente Juscelino Kubitschek ficou revoltado quando soube do episódio e consentiu em autorizar a criação do sindicato.

"Setores do governo maquinavam um plano para fazer de Brasília uma cidade onde não houvesse pressão de massa sobre os governantes. Chegaram até a tentar baixar leis proibindo a formação de sindicatos, mas isso não aconteceu e o movimento floresceu na capital. A verdade é que o movimento sindical em Brasília, mesmo antes de sua fundação, sempre foi

Consciência

"Quando aconteceu o massacre, o Heitor Silva falou sobre o risco de passar amanhã o que os operários da Pacheco Fernandes passaram hoje. Ele foi de obra em obra para conscientizar os trabalhadores e isso foi muito importante para o movimento que surgia"

Geraldo Campos, advogado e pioneiro

muito forte, muito ativo", diz José Oscar Pelúcio, que ajudou a estruturar diversas entidades entre 1961 e 1964.

Sobre o episódio da construtora Pacheco Fernandes, o paulista José Oscar, advogado trabalhista há 48 anos em Brasília, também militante do antigo PCB, explica que o tratamento dado pela empresa aos trabalhadores era o pior possível e eles não tinham com quem contar ou a quem recorrer. "Não havia sindicato, não havia Justiça do Trabalho. Havia apenas um juiz em Planaltina, da Justiça comum, e mesmo assim ele não contava com funcionários que conhecessem bem a legislação do trabalho", conta Pelúcio.

Para ele, o avanço da consciência de classe dos trabalhadores em Brasília foi fruto da experiência de vida dos operários e também do trabalho de setores mais intelectuais. No começo, lembra o advogado, as primeiras assembleias não animavam muito os operários; mas depois elas foram crescendo e uma nova consciência política e social começou a surgir. Dentro desse clima, outras entidades apareceram e os operários não se sentiram mais tão sozinhos. Entre as entidades que Oscar destaca, ao lado do Sindicato da Construção e do Mobiliário do DF, a Associação dos Servidores da Novacap e o Sindicato dos Bancários.

Pelúcio dá destaque especial ao Sindicato dos Bancários na influência sobre a criação de outras entidades, porque era uma categoria mais experiente em lutas sindicais e negociações, com uma atividade já solidificada em grandes centros urbanos como São Paulo, Rio e Belo Horizonte. "Um dos grandes líderes desse movimento foi Adelino Cassis, que dirigiu o sindicato em diversas ocasiões. Entre as grandes conquistas dessa época (entre 60 e 64) estão a equiparação do salário mínimo com o Rio e São Paulo, o 13º salário e o status de servidor público para os funcionários da Novacap", ressalta Oscar. Para chegar a essas vitórias houve muita passeata e comícios na frente do Ministério do Trabalho, do Palácio do Planalto e de outros órgãos. As manifestações chegavam a reunir, já naquele tempo, uma massa de 30 mil a 40 mil trabalhadores.

Um papel definidor no DF

Para Sadi Dal Rosso, professor de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), a organização sindical no DF começou enfrentando problemas dos mais graves, a partir da distância de tudo na época, "uma cidade surgindo do nada". Ele faz coro com Campos e Pelúcio na constatação de que, além da construção civil, os movimentos mais fortes foram os dos bancários e dos servidores da Novacap.

O regime militar extinguiu o movimento sindical em Brasília, como em todo o Brasil. "Todos sofreram intervenção. Só houve uma recuperação dos sindicatos lá pelos anos de 1975, 1976, quando começou a luta pela abertura política. É bom lembrar que os estudantes exerceram um papel muito importante. Houve a invasão da UnB em duas ocasiões, em 68 e em 77, mas eles não recuaram, tanto alunos como professores. Um fato marcante na década de 1970 foi a criação da Associação dos Docentes da UnB (Adunb), em 1977. Nessa época, até 1979, ocorreu a recuperação do sindicato dos professores do DF, que estava sob intervenção", lembra Dal Rosso.

A história das lutas políticas e sociais em Brasília, desde a fundação da cidade até o golpe militar, mostra que as entidades permaneceram atuantes. Mesmo com o regime de exceção houve um florescimento das organizações sindicais, que permaneceram atuantes nas décadas de 70 e de 80, lembra o professor. Em sua análise, desde os anos 60 (da construção civil, dos bancários e dos professores) até essa fase, com o nascimento de outros sindicatos importantes (como o dos vigilantes, comerciários, médicos, rodoviários, entre outros), o período foi de retomada da ação dos sindicatos e de surgimento de novas entidades. A partir daí houve uma mudança de perfil sindical, com a hegemonia do ABC Paulista e a força demonstrada pela sociedade em outras lutas, como o movimento pelas Diretas Já.

Segundo Dal Rosso, houve uma repercussão muito forte em todo o país das negociações dos metalúrgicos das fábricas de acessórios e de automóveis. Isso se irradiou para outras regiões e os sindicatos ganharam força ainda maior com a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT): "Após a Nova República, a força social era muito grande. No caso dos professores universitários, foi quando organizamos o nosso plano de cargos e salários. A força do sindicalismo não ficou só no ABC, ela se propagou pelo Brasil."

Em Brasília, segundo o professor, o processo foi o mesmo: "Os sindicatos mobilizaram as pessoas em lutas como a da autonomia política, por exemplo. Eles exerceram um papel definidor no DF. Tanto que muitos dos nossos políticos vieram das bases sindicais", recorda.

Sadi Dal Rosso: entidades permaneceram atuantes mesmo com o golpe militar

FOTOS: ARTHUR MONTEIRO

Clube do Servidor

Um presente
para Brasília
nos seus 50 anos

Sindjus

Ficou pronto neste mês de abril o projeto de reforma do Clube do Servidor. Com esse empreendimento o Sindjus resgata um patrimônio dos servidores públicos que há doze anos estava entregue ao abandono. E implanta um novo modelo de interação sociocultural, calcado nos conceitos de cidadania e de responsabilidade pessoal e ambiental.

Brasília madura

“O protagonismo social garante a maturidade do DF. A crise política mostra a fragilidade, de um lado, mas do outro mostra a força de uma cidade. A presença da comunidade organizada em seus movimentos foi fundamental para as mudanças”

Para o reitor da UnB, “boa parte da dimensão espontânea da sociedade é conduzida pelos estudantes, pela força da juventude”

Carlos Tavares

Do mesmo modo que se constrói uma cidade ou um prédio, constrói-se uma sociedade a partir de uma ideia, de uma crença, de uma luta. Foi assim que o carioca José Geraldo de Sousa Junior, atual reitor da Universidade de Brasília (UnB), começou a difundir seu trabalho de assistência jurídica a comunidades carentes quando era professor do Departamento de Direito, na década de 1980. Assim surgiu o projeto *Direito Achado nas Ruas* – para levar assessoria jurídica a movimentos sociais que reivindicam emprego, moradia, educação. Um dos maiores exemplos desse trabalho foi a luta pelo “direito a ter direitos” movida na Vila Telebrasília nos últimos 20 anos*.

José Geraldo acredita que, nesse mesmo período, Brasília ergueu-se além das escalas de seu projeto original e firmou a escala humana, onde o homem atua como protagonista social em defesa de seus direitos e aplica seus deveres para melhorar a sociedade. Com mestrado e doutorado na UnB, onde também se graduou, ele assumiu uma militância jurídica que o levou desde cedo a participar dos momentos dramáticos da vida da universidade nos tempos da ditadura e a atuar em defesa de estudantes e professores como advogado. Nesta entrevista o professor fala sobre a capital, a UnB e os movimentos sociais que deflagraram uma consciência política coletiva. E afirma que, apesar da crise, a reconstrução de Brasília está a todo vapor.

* Leia na Revista do Sindjus nº 55, em www.sindjusdf.org.br

Dentro dos 50 anos de Brasília, como você analisa a existência da cidade a partir de seu projeto original?

Brasília, em minha opinião, concretiza a meta e a utopia de sua fundação, no sentido de que era um projeto modernista e de interiorização do país. Nesse aspecto, sem dúvida cumpriu o seu papel. Mas, na verdade, Brasília acabou sendo também um espaço de revitalização social.

Mas havia na ideia original de Brasília uma certa ingenuidade, porque hoje vemos que ela cresceu e se desenvolveu como qualquer outra cidade...

Sim, mas esse é o caráter utópico da cidade. O que caracteriza a utopia? É a possibilidade de inscrever no presente um pensamento de transformação social em direção a um futuro almejado. Não é alienação, é uma agregação de valores que já

ARTHUR MONTEIRO

apontam para a transformação. O trídolo revolucionário de 1789 (Revolução Francesa) falava em liberdade e igualdade, mas falava também em fraternidade. Eles conformam uma categoria da política que estava no imaginário da ideia de um direito à cidade, de um direito à cidadania. Brasília representou também um imaginário que permitiu, nas lutas sociais e políticas, reivindicar a cidade para a cidadania.

Podemos citar Marshall Berman [filósofo norte-americano]: "tudo o que é sólido se desmancha no ar". Ele parafraseia uma expressão que está no Manifesto Comunista de 1848, escrito por Marx e Engels, que diz tudo que é sagrado se dessacraliza. Engels também analisou a cidade, quando trabalha uma das expressões dinâmicas da vida da cidade, que é a rua [referência às impressões de Engels quando chega a Manchester, descritas no ensaio *A condição da classe operária na Inglaterra*]. Ele fala da rua como o lugar onde a multidão se transforma em povo. É nos espaços públicos que as tensões se materializam, é lá que acontecem os encontros e os desencontros, as reivindicações para os direitos do homem e para a cidadania. E é nesse processo que a multidão se transforma em povo. Havia esse idealismo no projeto de Brasília e também havia um horizonte utópico, mas no sentido de que a utopia é constituída por um pensamento inscrito nos processos que transformam o social.

Mas aqui foram construídos espaços muito amplos... Será que é possível falar em rua à maneira de Berman?

Sim, os espaços são amplos, mas a cidade constrói os muitos centros de materialização de seus encontros. Ela constrói a si mesma e ocupa os espaços. Pode-se dizer que Brasília é um lugar onde se fazem estratégias de ação de movimentos sociais. Um exemplo é a luta por moradia, que aqui representou sempre a ocupação do espaço, a definição do lugar do sujeito, a expressão da autonomia.

O registro maior desse tipo de experiência é a Vila Telebrasília, um lugar não inscrito na escala original da cidade, mas que foi um espaço apropriado pela cidadania. Na entrada da vila tem uma placa com a seguinte frase: "Aqui tem história." A comunidade se organizou, resgatou o significado da sua memória coletiva e social. Ela trocou a subjetividade jurídica pela afirmação do direito de morar e ocupou um espaço que antes era restrito; transformou esse espaço e transformou-se, conquistou direitos. Essa comunidade atuou com a mediação da história e construiu o discurso de que ao lado da *urbs*, ao lado

> “Poucas cidades em tão pouco tempo puderam amadurecer de forma tão expressiva como a nossa. A experiência social que antecedeu a autonomia política foi fundamental para o presente e o será para o futuro da capital”

da *civita*, era preciso também estruturar a *polis* como condição de cidadania. E esse processo não é obra do projeto de Brasília, é obra do povo, assim como a Vila Planalto, o Paranoá, a Ceilândia, com o movimento dos Incansáveis da Ceilândia, e por aí vai. Temos muitos exemplos ao longo desses 50 anos.

Parece que a epopeia da construção de Brasília foi sendo desdobrada em capítulos de luta em busca de espaço, do direito à habitação, e assim foi construída uma tradição de consciência social...

Sim. Criaram-se espaços de lutas sociais que ninguém esperava ver florescer aqui. São lutas de caráter humano que escrevem nas cidades a dimensão das necessidades básicas, a necessidade de morar, a necessidade de se alimentar, os direitos elementares da pessoa. Mas essas buscas também ocorreram no imaginário de se criar uma cidade autônoma, como a luta pela autonomia política, na década de 80. Aliás, esse foi também um dos trabalhos que fizemos aqui na Comissão dos 50 anos, com o lançamento do livro Memórias da UnB: a história da luta pela autonomia política, que tem depoimentos de pessoas que estiveram na cena pública fazendo a mobilização que resultou na Constituição de 1988.

Esse movimento participou da releitura da Constituição de 88?

Claro. A possibilidade de instalar na Câmara e no Senado, na presença federativa do Brasil, representantes do Distrito Federal que participaram das grandes discussões para formar o acervo legislativo e a atualização da Constituição foi um privilégio para a capital. Eu interpreto Brasília como um espaço onde a utopia e o protagonismo social, que aqui foi muito forte, acabaram configurando a cidade como uma capital da cidadania. Tanto que o título da revista *Humanidades* em homenagem aos 50 anos é “BrasíliaCidadePensamento”.

Como o senhor analisa a crise que Brasília vive? É possível reconstruir uma situação mais sólida em termos de valores políticos e sociais a partir de agora?

Eu vejo tudo isso com um sentido extremamente otimista, porque sou fiel ao que acabei de argumentar. Poucas cidades em tão pouco tempo puderam amadurecer de forma tão expressiva como a nossa. A experiência social que antecedeu a representação e a autonomia política foi fundamental para o presente e o será para o futuro da capital. Ela foi fruto do protagonismo dos movimentos populares, sobretudo dos movimentos sindicais, que tiveram um papel extremamente ativo [leia sobre sindicalismo no DF nas páginas 12 a 15]. Isso ocorreu aqui na UnB, com a criação da Associação dos Docentes (Adunb) e com vários outros sindicatos. Eles formaram a Frente Sindical de Brasília no momento em que se articularam com diversas associações de setores organizados. Isso ocorreu desde antes da fundação da cidade até os anos 70 e 80, e resultou na realidade política e social que vivenciamos hoje.

É interessante notar que a cidade faz 50 anos e o seu primeiro sindicato, o dos trabalhadores da construção civil, completou 51 anos em março. Infelizmente ele surgiu de uma tragédia, o massacre da Pacheco Fernandes.

Esse episódio é relatado num livro muito expressivo da professora Nair Bicalho, da UnB, chamado *Construtores de Brasília: a participação política dos operários da construção civil*. Observe que essa presença pré-representação política, pré-autonomia, inseriu na dinâmica da cidade uma experiência de protagonismo social que foi decisiva na formação dos movimentos populares, como os Incansáveis Moradores da Ceilândia, a luta pela fixação da Cidade Livre, que virou Núcleo Bandeirante e que era para ser só um canteiro de obras, depois a Vila Telebrasília, entre outras cidades.

É como se esses movimentos, na época, estivessem abrindo caminho para a autonomia política futura da capital...

Exatamente. Isso significa que houve um aprendizado para a política. E mesmo com a eleição de uma Câmara Legislativa, com a constituição de uma bancada federal no Congresso, é preciso dizer que esses movimentos nunca se aposentaram. É esse protagonismo social que garante a maturidade do DF. Temos agora uma crise, e a crise mostra a fragilidade, de um lado, mas do outro mostra a força de uma cidade, de todo um povo. A presença da comunidade organizada em seus movimentos, com estudantes, sindicalistas, isso tudo foi e é fundamental para as mudanças.

Na verdade foram os estudantes que se mobilizaram e protestaram na frente do Buriti e da Câmara contra o Mensalão do DEM...

Mas é natural que ocorra isso, porque, historicamente, boa parte da dimensão espontânea da sociedade é conduzida pelos estudantes, pela força da juventude. A história da UNE [União Nacional dos Estudantes] mostra isso. Há uma presença forte dos estudantes em Brasília desde a fundação da UnB. Podemos lembrar, por exemplo, como os estudantes se mobilizaram durante a publicação das medidas de emergência, baixadas em 1984, às vésperas do Colégio Eleitoral que elegeu Tancredo Neves. Parece que a presença dos estudantes na rua desencadeia um processo que corresponde a um arranque. Depois, os demais setores da sociedade se mobilizam.

É evidente que, se

não houvesse a presença de outros segmentos na reação à crise no GDF, eles não teriam conseguido despertar uma consciência coletiva. Isso ocorreu no noticiário, na sociedade em geral. Então eles acordaram o Legislativo e começaram a correr atrás para que as instituições republicanas funcionassem e cumprissem o seu papel. A situação do DF é triste porque nos abala do ponto de vista moral, mas também nos estimula a fazer do nosso voto um ato de consciência, de responsabilidade social.

Tudo isso serve também para refletir sobre os rumos da cidade...

Sim, mas com uma reflexão que não seja conformista, que seja ativa e que oriente a ação. Assim eu fico otimista, com a perspectiva de um otimismo de ação, que oriente a comunidade. Acho que Brasília, como poucas cidades no Brasil, tem uma experiência decorrente da sua construção e do aprendizado da política a partir da vivência prática; nesse sentido ela é mesmo uma capital da cidadania.

Como surgiu a idéia da Comissão dos 50 Anos?

A Universidade de Brasília e a cidade Brasília são filhas do mesmo gesto fundador. UnB e Brasília são xifópagas, entrelaçadas. Por isso entendi que a universidade deveria ter uma presença mais reflexiva sobre Brasília: a UnB pensar na cidade e pensar-se nela nesses 50 anos. A ideia é extrair de um conjunto de projetos um eixo que traduza as várias dimensões da UnB e da cidade.

Como está o projeto de construção do Memorial Darcy Ribeiro?

Foi o próprio Darcy que definiu esse projeto: um espaço com a sua biblioteca e a de Berta Ribeiro, com cerca de 30 mil livros, uma pinacoteca, coleções de arte plumária dos índios brasileiros, de artesanato indígena, documentos. Darcy, bem ao estilo dele, chamava de esse memorial de "beijódromo". Ele queria um lugar também para encontros afetivos entre os alunos, para que além de ler os estudantes pudessem também partilhar seus sentimentos... As obras devem começar logo, o presidente Lula já autorizou a liberação de recursos.

MARCELLO CASAL JR/ABR

Manifestação em novembro de 2009: "Boa parte da dimensão espontânea da sociedade é conduzida pelos estudantes, pela força da juventude"

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como
sou – eu não aceito.
Não aguento ser apenas um
sujeito que abre
portas, que puxa válvulas,
que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora,
que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem
usando borboletas.

Manoel de Barros

Do alto dos seus 91 anos, o poeta Manoel de Barros ensina que o ser humano é incompleto, e que isso não é defeito; é qualidade. Assim como ele, muitas outras pessoas precisam ser Outras. E são. Esta coluna publicará mensalmente histórias de gente que concilia o serviço público com as mais diversas atividades. São atletas, chefes de cozinha, professores, pintores, mágicos, mecânicos, músicos... A lista não tem fim.

Os sonhos e as letras

Thais Assunção

Em meio a personagens fictícios que se misturam a fatos reais, a escritora Custódia Wolney, em seu romance de estreia – *O preço de um sonho* –, resgata de forma envolvente a história da construção de Brasília e a saga dos candangos.

Custódia veio morar em Brasília com apenas um ano de idade e aqui criou raízes. Casou-se, teve três filhos, já escreveu três livros e não pensa em deixar a cidade por nada. Viúva do servidor do TRE Roberto Mateus de Oliveira – a quem dedica o livro –, ela pesquisou muito para ampliar seu conhecimento sobre o contexto que envolveu a transferência da capital do Rio de Janeiro para o sertão goiano. "Busquei informações no Arquivo Público de Brasília, Museu da Memória Candanga e Memorial JK", conta. Em 2004, impulsionada pela amiga e jornalista Margarida Drumond, apresentou o livro ao Fundo de Apoio à Cultura (FAC) e conseguiu patrocínio para a primeira edição.

No ano seguinte Custódia participou da Bienal Internacional do Livro, em São Paulo, onde o expôs no estande de obras autônomas (sem editora). E teve uma surpresa: João Antonio Carvalho Filho, diretor da editora paulista LivroPronto, interessou-se pelo contexto cultural da obra O *preço de um sonho* e assinou o primeiro contrato de edição com a escritora.

Depois disso ela não parou mais; atualmente já publicou a segunda edição desse romance e a primeira e segunda edições de seu segundo livro, *Eu, Kalunga*, que conta a história de uma comunidade quilombola isolada desde a época da escravidão até meados de 1980, que ainda hoje conserva seus costumes e suas tradições afrobrasileiras. O terceiro romance (*Sombras da Revolta*) está saindo do forno, com lançamento previsto para junho próximo.

Outro motivo que levou Custódia Wolney a escrever sobre a capital federal foi mostrar a saga dos candangos, as dificuldades dos milhares de homens e mulheres que deixaram sua terra natal por acreditarem no sonho de JK e a partir daí construíram seus próprios sonhos de uma vida melhor.

Fatos marcantes que não foram relatados na época também foram abordados pela escritora, como o massacre dos operários da construtora Pacheco Fernandes (veja reportagem na página 12), além dos incêndios na Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante) na tentativa de retirar os moradores do local após a inauguração da capital.

"Brasília sempre despertou em mim muito interesse, pelo fato de tantos brasileiros terem vindo para cá na busca de melhores condições de vida e toda a trajetória que envolveu a construção e a transferência da capital. No livro somente os personagens são fictícios, todo o contexto histórico é real.

Esse amor que Custódia Wolney sente por Brasília se reflete em seus olhos, que brilham ao falar da cidade. "Brasília precisa de mais Juscelinos, líderes visionários e com ideais comprometidos com o social. O maior presente que Brasília poderia ganhar em seu cinquentenário seria o fim da corrupção", sonha a escritora.

A escritora Custódia: "Brasília precisa de mais Juscelinos"

ARTHUR MONTEIRO

eles são a farsa,

Foto: Jorge Diehl

nós somos a força

TT CATALÃO

Eles do poder sem pudor. Eles da fala que não diz. Do pensar que não reflete. Do compromisso caricato mal ensaiado pelos truques do marketing. Eles são os bons atores dos maus atos. Eles deixam rastros para alertar a cidade sobre suas pegadas de lama. Eles omitem quando deveriam mostrar. Eles distorcem quando deveriam publicar. Eles se apresentam e se proclamam como honrados exatamente por não contar com a legitimidade da honra. Eles se escondem como ratos e insetos, assim que a luz ouse brilhar. Eles simulam um amor que não possuem. Eles demonstram um afeto que não sentem. Eles beijam o que vão cuspir. Eles afagam o que vão apedrejar. Eles destroem o que pelo trabalho de tantos foi erguido.

Eles profanam JK. Eles aviltam o suor candango. Eles não sabem o cheiro da terra vermelha. Eles não plantam, devastam. Eles não criam, castram. Eles não rimam, cometem crimes. Eles são os penetras no banquete de todas as regiões brasileiras mestiçadas nessa cidade. Eles gritam, na hora do sussurro. Eles policiam, na hora da carícia. Eles sofrem quando todos gozam. Eles não sabem que somos capazes de atrever-nos às trevas. Eles esqueceram que dobramos as barras, cortamos as chibatas, rompemos as amarras. Eles desconhecem o quanto ainda podemos abrir poros nos porões. O quanto sabemos buzinar para amolecer o muro ou tombá-lo quando for preciso o murro. Eles são as amarras, nós a garra. Eles são uns, nós, muitos em outros.

Mas eles não vão acabar com ela: a cidade. A esperança de um povo que se fez capital para mostrar que a nossa penúria econômica não nos impediu de sonhar. Eles só conseguiram nos fortalecer em fazer tudo de novo para que todos se renovem. Eles nos fizeram lembrar a importância de ser sociedade organizada. Eles provocam indignação e com isso nos ensinam que a festa é libertária, mas a liberdade se conquista, mesmo, é com lutas. Em todas as frentes, com todas as linguagens, com todos os ímpares e todos os pares.

Eles estão mais nítidos, agora, revelados que foram pela própria máquina. Eles deixaram as confortáveis sombras de “autoridades irretocáveis” para nos mostrar o quanto a política precisa ser assumida como autoria do bem comum. Eles são o vírus, nós o antídoto. Eles são a farsa, nós somos a força. Eles são as chagas, nós a cicatriz. Eles a loucura, nós a cura. Eles a demência, nós a consciência. Eles a culatra, nós a cultura. Eles sempre foram eles, nós é que às vezes deixamos que eles chegassem onde não deveriam ter chegado. Eles, BASTA!

Eles só conseguiram nos fortalecer em fazer tudo de novo para que todos se renovem. Eles nos fizeram lembrar a importância de ser sociedade organizada. Eles provocam indignação e com isso nos ensinam que a festa é libertária, mas a liberdade se conquista, mesmo, é com lutas. Em todas as frentes, com todas as linguagens, com todos os ímpares e todos os pares.

Tudo em família

Engajado em obras sociais desde a infância, casal compra terreno para erguer creche contando apenas com o salário

Usha Velasco

Enquanto políticos desonestos metem a mão no dinheiro público e deixam no desamparo as pessoas que dependem dos precários serviços de saúde e educação oferecidos pelo governo, há quem faça diferente. Bem diferente mesmo. Por todo o DF se espalham pessoas especiais que doam seu tempo, sua energia e o dinheiro do próprio bolso para projetos sociais.

"Somos muitos", diz Márcia Miranda Moreira, com os olhos brilhando. Ela é uma dessas pessoas – muitas – para quem a vida só faz sentido se compartilhada com o próximo. Tanto que, junto com o marido, Wagner Moreira dos Santos, decidiu assumir, em maio de 2009, uma dívida de 2.100 reais por mês durante 20 anos – para comprar um lote e construir uma creche e um centro de atendimento às famílias carentes de Sobradinho II. O dinheiro para tocar o projeto sai do salário do casal, que tem quatro filhos e mora em Sobradinho.

Pedagoga por formação, Márcia é analista do Tribunal Superior do Trabalho (TST). Impressionados com tanto desprendimento, seus colegas divulgaram a história no jornal eletrônico do tribunal, o *TST OnLine*. A divulgação espalhou-se por e-mail e rendeu frutos. Um dia, alguns meses após a compra do terreno, um desconhecido entrou em contato. Queria ajudar no projeto. Wagner quase não acreditou no tipo de ajuda que ele oferecia: quitar o lote.

Assim foi feito: a doação garantiu o terreno para construir a creche. "É incrível a confiança que as pessoas depositam umas nas outras, porque esse homem nem nos conhecia...", alegra-se Márcia. Wagner conta que o benfeitor não é nem milionário nem uma pessoa às portas da morte, como seu desapego ao dinheiro poderia fazer supor: "É um médico de classe média, na faixa dos 50 anos, que decidiu dividir o patrimônio com os filhos e quis dedicar a sua parte a um projeto que ajudasse as pessoas."

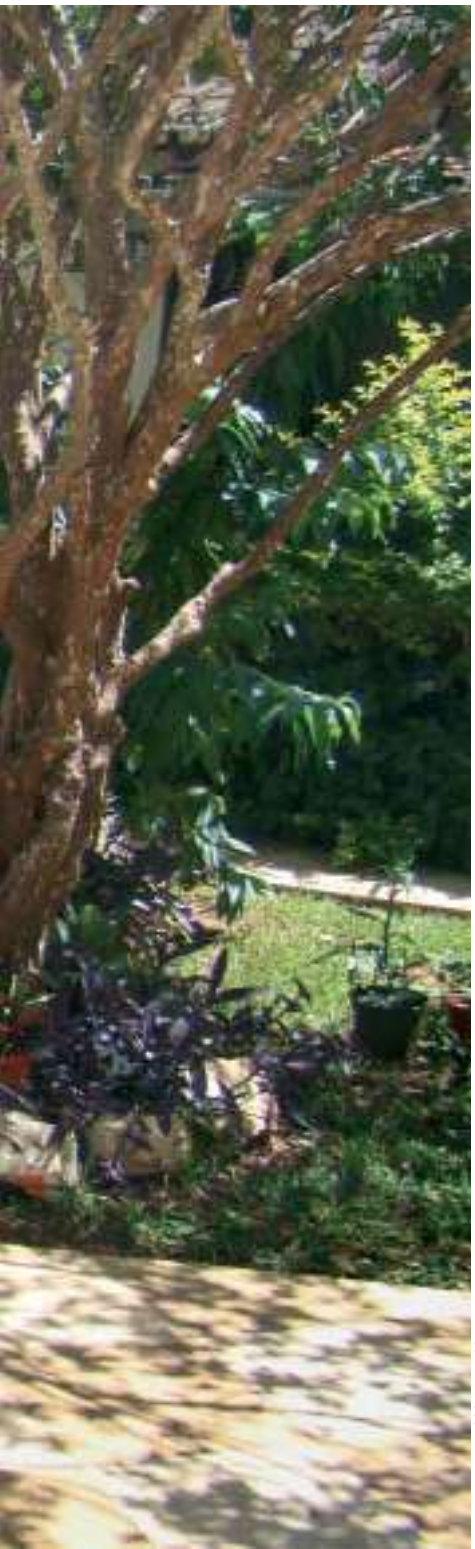
Com isso, a construção da creche pode se acelerar. Márcia e Wagner têm pressa; enquanto os projetos de arquitetura e engenharia são elaborados, vão murar o lote e construir um barracão para começar o atendimento à comunidade.

"Sobradinho II cresceu muito rápido e com pouquíssima estrutura para a população, principalmente em termos de educação e saúde", conta Márcia. "Entre os adolescentes há muito consumo de drogas e um alto índice de suicídios. Temos muitas mães criando os filhos sozinhas. E muitos casais jovens, também. As crianças menores de seis anos são uma população vulnerável. Se conseguirmos oferecer uma creche para que as mães trabalhem tranquilas, vamos contribuir para garantir uma família estruturada, no futuro."

A ideia é atender 120 crianças em período integral e um número equivalente de crianças maiores em dois turnos, alternados ao horário escolar. E oferecer aos pais atividades educativas e de geração de renda. "A carência aqui é muito grande. Temos idosos, deficientes desamparados, pessoas doentes... Por isso toda ajuda é importante; para todo lado que você apontar, estará acertando", explica Wagner.

Os planos não param por aí. "No futuro queremos levar a comunidade de Sobradinho II para ajudar outras pessoas necessitadas. Mostrar que eles não são pobres coitados, que também podem contribuir para melhorar a vida dos outros", diz Márcia. "Temos uma dependência muito grande do governo e esquecemos nosso valor pessoal. O governo tem que cumprir o seu papel, mas nós também temos nossa parte a fazer. O trabalho social tem que ser algo que emancipe as pessoas", analisa ela.

Márcia com o marido Wagner e os filhos Paulo, Ana Luísa, André e Pedro: os seis trabalham juntos para ajudar a comunidade carente



USHA VELASCO

Doação

Para realizar o sonho de construir a creche, o casal financiou o lote em vinte anos por R$ 2.100 mensais. Um dia um desconhecido entrou em contato: ficou sabendo do projeto e quis quitar o terreno. "Acho que estamos no caminho certo porque tudo está se encaixando", diz Márcia.

ARTHUR MONTEIRO

Inês Miranda, diretora do Lar dos Velhinhos: trabalho voluntário gera retorno e satisfação

Caminhando juntos

Assim que decidiram comprar o terreno para montar a creche, Márcia e Wagner passaram a fazer visitas semanais à comunidade de Sobradinho II. O objetivo é conhecer o melhor possível as pessoas e suas necessidades. Todos os sábados, de nove da manhã até a hora do almoço, eles visitam as famílias, conversam, levam livros, cestas básicas, fraldas... Às vezes dão pequenos apoios financeiros, para ajudar, por exemplo, a pagar uma conta atrasada.

Dessas visitas participam sempre os quatro filhos do casal: Paulo, de 20 anos, que se forma este ano em Biologia na UnB; André, de 18, estudante de Música na mesma universidade; Ana Luísa, de 13 anos, e o caçula Pedro, de 10, estudantes de uma escola particular na Asa Sul. "Eles estão acostumados com esse tipo de trabalho desde pequeninhos", conta o pai, lembrando que todos, ainda no carrinho de bebê, estiveram presentes nas campanhas do quilo feitas pela família.

"Nossa família caminha sempre junta", conta Márcia. Ela também recebeu desde cedo valiosas lições de união e de solidariedade. Sua mãe, Maria Iria de Miranda, criou sete filhos sozinha, com o salário que recebia como merendeira de uma escola em Taguatinga. Mesmo assim sempre teve tempo e energia para ajudar as pessoas ainda mais necessitadas. "Ela dizia assim: 'Filha, o mundo a gente melhora' ", lembra Márcia. A "escadinha" de filhos acostumou-se a vê-la envolvida com arrecadação de alimentos, enxovais, sopa para os pobres... Hoje todos eles fazem trabalhos voluntários, junto com esposas, maridos e filhos.

É impossível quantificar os resultados desse trabalho, em termos de vidas modificadas para melhor. Só escolas a família de Dona Maria Iria já construiu duas, ambas em Sobradinho: o Educandário Eurípedes Barsanulfo (erguido junto com amigos que colocaram a mão na massa literalmente, na maioria das vezes à noite e nos finais de semana) e o Colégio Alan Kardek, coordenado por José Miranda de Oliveira Filho, filho de Dona Maria. A matriarca dessa linhagem de voluntários ainda hoje dá aulas ali, para grupos de mulheres da comunidade.

A família também está diretamente envolvida com a manutenção do Lar dos Velhinhos Bezerra de Menezes, que hoje abriga 60 idosos em Sobradinho e onde outra irmã de Márcia, Inês Miranda, é diretora. Inês trabalha como oficial de justiça, também tem quatro filhos e é voluntária desde criança. "O trabalho voluntário tem retorno, ele gera uma satisfação muito grande", garante.

A preocupação em ajudar o próximo passou de pais para filhos também na família de Wagner. Quando menino, na pequena Pará de Minas, cidade próxima a Belo Horizonte, ele acompanhava seus pais Maria de Lourdes e Sebastião Moreira dos Santos na rotina de fazer cestas básicas para famílias carentes e colaborar na construção de casas. "Nesse tipo de trabalho a nossa tarefa é a da perseverança. Se a gente persevera as coisas acontecem", ensina ele.

Para conhecer o projeto e saber como ajudar, ligue para 9223-2213 ou acesse **crechemeimei.org.br**

Eles fazem acontecer

A série Brasília do Bem *começa oficialmente neste mês de abril, em homenagem aos 50 anos da cidade. Mas, na verdade, começou bem antes. Faz parte da tradição da* Revista do Sindjus *publicar histórias de pessoas que fazem de Brasília um lugar melhor. Veja aqui um pedacinho dessas histórias. Para ler mais, consulte as edições anteriores no site – onde também funciona a campanha* Eu Dôo Talento*, com endereços e telefones de entidades selecionadas para receber a sua ajuda, como voluntário ou doador.*

www.sindjusdf.org.br

ARTHUR MONTEIRO

Vicky Tavares

Nas décadas de 80 e 90 ela brilhou nas passarelas como modelo e estilista. Mas decidiu abandonar o universo glamouroso da moda para cuidar de crianças em situação de risco e muitas vezes com graves problemas de saúde. Ela fundou, administra e coordena a ONG Vida Positiva, uma casa em Taguatinga onde abriga dezenas de crianças, a maioria delas soropositiva. Tudo é feito na base da boa vontade, com doações e trabalho voluntário – desde a comida para as crianças até a escola e os cuidados com a saúde, que não são poucos. Para ajudar, ligue para 3034-0948 ou 3034-0040.

ARTHUR MONTEIRO

Márcia Bernardes

Presidente da Associação dos Voluntários do Hospital Universitário de Brasília (HUB), Márcia conta que sente "a maior alegria" ao ver que o projeto contribui para melhorar a condição dos pacientes.

Fundada em 1993, a associação tem treze núcleos que fazem vários tipos de trabalho. O núcleo *Bula do Riso* é formado por jovens vestidos de palhaço, que brincam nos corredores, enfermarias e salas de espera. O núcleo *Mediadores de Histórias*, com livros e fantoches, leva a literatura às enfermarias infantis. No núcleo *Sala de Espera da Mastologia*, os voluntários orientam as pacientes e ajudam na recuperação do equilíbrio emocional e da auto-estima.

A Associação conta com cerca de 180 voluntários – número ainda pequeno comparado ao volume de pacientes. Para entrar para este time ou ajudar de outras formas, ligue 3307-1598 ou 3448-5378.

ARTHUR MONTEIRO

Romilda e José Eurípedes

O técnico do TJDFT José Eurípedes de Souza e sua esposa Romilda (na foto, com a aluna Ana Júlia) fazem uma espécie de troca. Ela é voluntária no TJ, onde traduz julgamentos e audiências com réus surdos. Ele é voluntário no local onde ela dá aulas, a Escola Classe 21, em Taguatinga Norte. Lá Eurípedes, que é deficiente auditivo, há dez anos ensina às crianças a Língua Brasileira dos Sinais (Libras).

Mesmo com poucos recursos, a escola desenvolve projetos de inclusão desde a década de 80. "Faço isso por amor", conta Romilda, que tem audição normal mas já estudava Libras antes de conhecer o marido. De família humilde, o mineiro Eurípedes enfrentou muitas dificuldades na escola até aprender a linguagem de sinais, aos 14 anos. "O surdo que aprende Libras se desenvolve socialmente e pode fazer do português uma segunda língua", explica.

ARTHUR MONTEIRO

Luiz Amorim

As bibliotecas distribuídas pelos 35 pontos de ônibus da W3 norte são uma iniciativa do empreendedor proprietário do Açougue Cultural T-Bone. Luiz veio de Salvador para Brasília em 1973, aos sete anos, com a mãe e os cinco irmãos. Depois de trabalhar como engraxate e vendedor de picolé, empregou-se aos treze anos de idade num açougue que, duas décadas e meia mais tarde, conseguiria comprar.

Ele conta que só aprendeu a ler aos 16 anos, na Escola-Classe da 312 norte, vizinha ao açougue onde trabalhava e morava. Apaixonou-se pelos livros e foi montando o seu acervo, sempre disponível em uma estante do açougue e emprestado sem burocracia. Em 2002 inaugurou a biblioteca comunitária T-Bone, na 712/713 norte, com 45 mil livros – os mesmos que espalhou pela W3, para que ficassem mais perto das pessoas. A ONG T-Bone precisa sempre de doações de livros. Veja o projeto em www.t-bone.org.br.

ANDRÉ ROCHA DANTAS

Antônio Matias, Carmen Gramacho e Iza Araújo

Os recursos financeiros doados pelo empresário e o incansável trabalho da dupla de voluntárias fizeram brotar nada menos de 66 bibliotecas no DF, em pouco mais de dois anos. Trata-se do projeto Casa do Saber, financiado por Antônio Matias e executado pela empresária aposentada Carmen, veterana em trabalhos pela comunidade, e por Iza, presidente da Associação dos Bibliotecários do DF. Foram mais de um milhão e seiscentos livros espalhados por bibliotecas nas áreas mais carentes das satélites e do entorno de Brasília.

Paraibano, de uma família com 13 filhos, Antônio Matias foi pioneiro em Brasília, para onde veio aos 14 anos, "com uma mão na frente e outra atrás", conta. Começou a trabalhar num posto de gasolina como frentista, foi crescendo, virou diretor e acabou sócio da rede de combustíveis Gasol. Sem esquecer a origem humilde, organizou desde sempre campanhas de coleta e distribuição de agasalhos, brinquedos e alimentos – em 2006 essas campanhas chegaram à casa das toneladas. Além disso, mais de 400 funcionários da Gasol estão no quadro permanente de doadores de sangue do Hemocentro, que abastece hospitais de todo o DF.

O projeto *Casa do Saber* aceita doação de livros e precisa de voluntários para trabalhar na triagem do material doado. Informações: 3217-8585 e 800-61-4554

ARTHUR MONTEIRO

Gláucia Maria da Silva

Coordenadora da Maria Brejeira, que fez sucesso na elitista mostra Capital Fashion Week, ela conta que a associação surgiu para ampliar a renda familiar de um grupo de donas de casa. "Deu tão certo que não conseguimos mais parar", sorri. Muitas delas tinham depressão, eram vítimas de agressão pelos maridos, estavam desempregadas ou solitárias. "Hoje elas são outras mulheres", conta Gláucia. Juntas, conseguiram sair da linha da pobreza sem depender de políticas assistenciais, favores políticos ou ajuda constante de entidades filantrópicas.

ARTHUR MONTEIRO

Templo da LBV: mandala gigante no chão e cristal no topo do prédio em forma de pirâmide

Diversidade mística

Cerca de 700 organizações espiritualistas estão representadas em Brasília. Vocação ecumênica ajuda a incrementar até o turismo

Fabíola Góis

Na ponta de uma Asa, na 315/6 Sul, um templo budista. Na outra, na 315/6 Norte, um templo messiânico. Ambos de religiões orientais. E em meio às quadras residenciais, seguem-se inúmeras igrejas católicas, evangélicas, espíritas e seitas das mais variadas vertentes que dão a Brasília o título de cidade mística. O sincretismo religioso da capital do Brasil dá a ela um charme especial, ao mesmo tempo em que intriga pesquisadores, religiosos e especialistas na área.

Afinal, Brasília está entre as capitais brasileiras com o maior número de pessoas que se dizem sem religião, segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Isso não significa dizer, no entanto, que o brasiliense não seja religioso, como explica o professor de Filosofia da Religião da Universidade de Brasília (UnB) Agnaldo Portugal. "Por trás disso há o ateísmo, a irreligiosidade ou o desligamento em relação às religiões institucionalizadas, tradicionais", comenta.

O fato de Lucio Costa e Niemeyer terem planejado o Plano Piloto com espaços e terrenos nas entrequadras para as mais diversas religiões pode ter dado à capital uma característica ecumênica. O presidente Juscelino Kubitschek cedeu os terrenos. E a própria arquitetura da cidade dá margem a esse ecumenismo. O prédio da Companhia Energética de Brasília (CEB), na 904 norte, por exemplo, tem a forma de uma pirâmide. Os míticos dizem que as pirâmides com a base de quatro pontas e o topo de um ponto representam um canal de comunicação entre o mundo manifesto e Deus – o que combina com a visão futurista e arrojada que tanto queria JK.

Mas a pirâmide mais visitada de Brasília é o templo da Legião da Boa Vontade (LBV), na 916 sul. Símbolo do ecumenismo da capital, atrai frequentadores de todas as religiões – ou até mesmo quem não é adepto de nenhuma, mas procura ali a paz que não encontra do lado de fora. Há uma mandala no piso, onde se pode andar sobre uma espiral até chegar ao centro. Na abertura do topo da pirâmide há um enorme cristal que emana luz.

O brasiliense é cristão, seja católico ou evangélico, como é a grande maioria da população brasileira. No Brasil, mais de 70% se diz católico. As religiões afrobrasileiras, em conjunto com as religiões orientais como o Budismo, o Xintoísmo, o Judaísmo e outras, representam uma percentagem pequena da população total do Brasil – menos de 5%. A média no Brasil de pessoas que dizem não professar nenhuma religião é de apenas 7,4% da população, de acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em Brasília, esse número chega a 18%. Mas são crescentes as formas de religiosidade não cristãs no Brasil, que ainda estão subrepresentadas em razão do forte sincretismo religioso do país.

Cheia de mistérios

Brasília já surgiu cheia de mistérios. Escritos indicam que Juscelino Kubitschek cristalizou o profético sonho de Dom Bosco que, em 1883, ao viajar pela América do Sul, disse que haveria uma terra próspera na faixa compreendida pelos paralelos 15 a 20, entre a cordilheira dos Andes e o oceano Atlântico, exatamente onde foi instalada a nova capital do Brasil, a "capital da esperança".

Quanto ao futuro, não se sabe. Mas essas profecias e histórias perseguem a cidade desde a sua criação. Não é possível dizer que aqui "jorrará leite e mel", como disse Dom Bosco, mas pode-se afirmar que aqui é a sede do sincretismo religioso do Brasil. Estima-se que mais de 700 organizações religiosas, esotéricas, filosóficas e espirituais estejam representadas em Brasília, que abriga o maior número de templos religiosos do país.

JOSÉ ROSA

Portugal: Brasília não se enquadra nos padrões

Ao redor da capital, há vários grupos místicos: na Cidade Eclética, em Santo Antônio do Descoberto; no Vale do Ama-

nhecer, próximo a Planaltina, seita de Dona Neiva, que ficou conhecida em todo o país e atraiu devotos de vários estados. Em Alto Paraíso de Goiás, a 284 quilômetros de Brasília, vizinha ao parque Nacional Chapada dos Veadeiros, já foram contadas 40 religiões e seitas. Além desses, há a Cidade da Paz, que abriga a Universidade Holística Internacional de Brasília (UniPaz).

Duas pesquisas (*As Novas Religiosidades no Ocidente: Brasília, Cidade Mística* e *Hospitalidade e Religiosidade – Um encontro estratégico no Planalto Central do Brasil)*, realizadas pelo Centro de Excelência em Turismo da UnB e coordenadas pela professora Deis Siqueira, explicam a vocação da cidade para o turismo místico e procuram identificar o público-alvo e o tipo de infraestrutura necessária para bem recebê-lo. O turismo religioso é um ramo que cresce em todo o mundo. As novas consciências religiosas que surgem com as seitas, filosofias e terapias alternativas e holísticas atraem seguidores. São essas pessoas que se sentem atraídas a vir para a capital do país.

Estudos apontam que a "terra prometida" do sonho de Dom Bosco, nascida "entre os paralelos 15º e 20º", fascina cada vez mais um tipo de turista que busca conhecer algo além das estruturas físicas de Brasília. A capital seria uma espécie de centro irradiador de poder e energia. Segundo a pesquisa, "de 200 pessoas adeptas a grupos místicos, 76% do total consideram Brasília predestinada e 61% consideram o Planalto Central predestinado".

"Religiões tradicionais, como o Budismo, estão sendo revividas no Ocidente e particularmente em Brasília, dentro da perspectiva de uma nova religiosidade e de um novo estilo de vida, que se diferenciam das religiões ocidentais tradicionais cristãs", afirma a professora Deis Siqueira, no livro *Novas Religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*.

O professor Aguinaldo Portugal entende que o conceito do que é místico sempre foi pouco adequado quando o assunto é religiosidade institucional. "É fato que Brasília não se enquadra dentro dos padrões", comenta.

Em busca de equilíbrio

Há 40 templos budistas no Brasil, mas o de Brasília é o único aberto à comunidade, porque os ofícios e meditações são feitos em português. Ele fica na na 315/316 sul, sob a responsabilidade do monge Sato, brasileiro e neto de japonês. Formado em Sociologia e Economia, o religioso é um visionário. Ele afirma que vivemos um mundo pós-modernista onde as pessoas cada vez mais buscam algo além de tecnologia e informação.

Sato explica que o sincretismo religioso não é só característica de Brasília, mas sim uma tendência no mundo. "No Japão, as famílias batizam as crianças no xintoísmo, casam no catolicismo e enterram os entes queridos no budismo. Porque querem que descansem na Terra Pura do Buda", relata. Para ele, essa é uma marca do pós-modernismo.

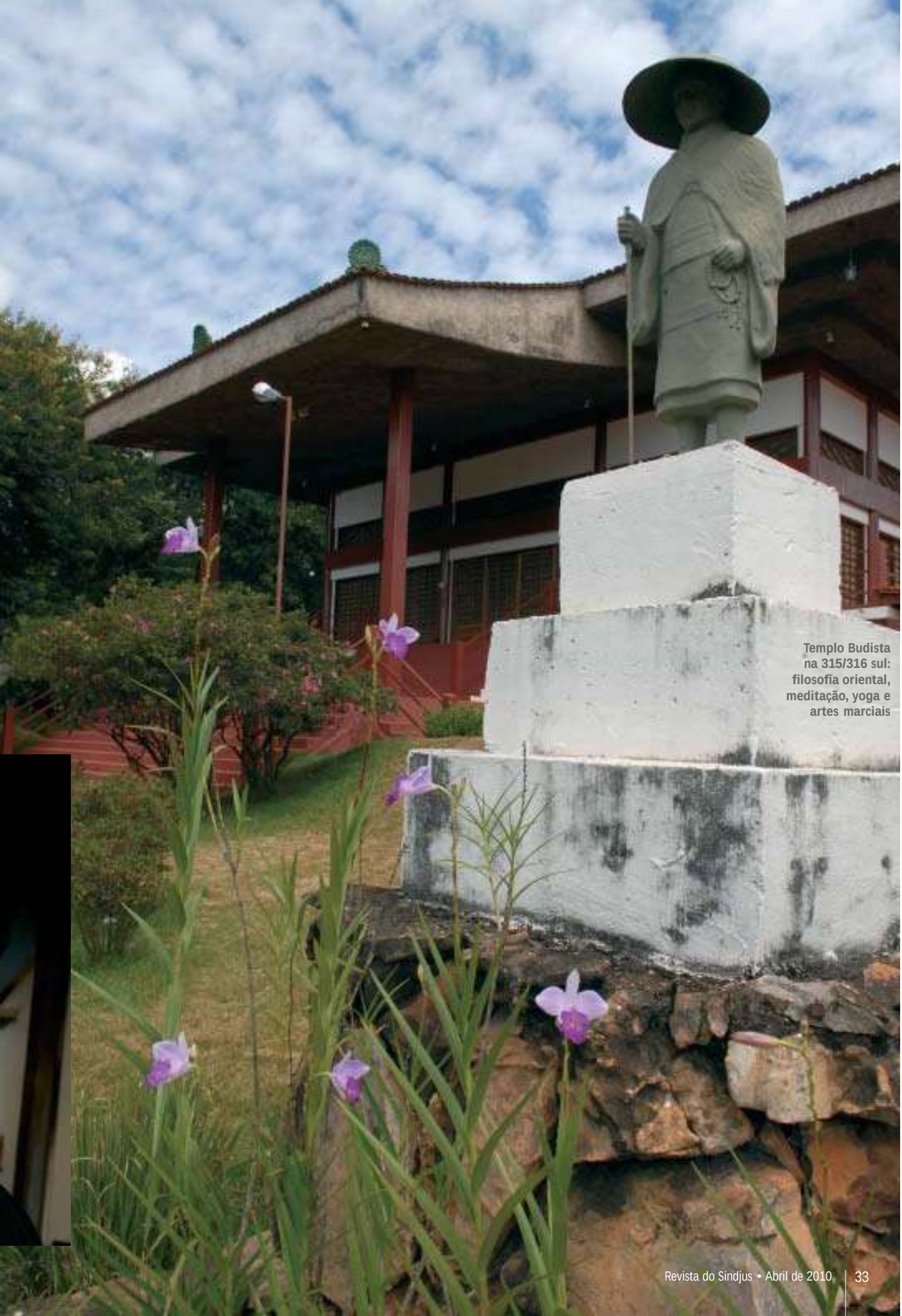
Em todas as religiões, o perfil de quem procura os templos e igrejas é o de quem está sofrendo. Segundo o monge, dificilmente o fiel ou seguidor busca fortalecimento espiritual e na fé em Deus se está bem. "Em geral, o sofrimento é disfarçado pelo estresse. A sociedade de hoje é muito competitiva", diz.

Para o monge Sato, essa busca pelo equilíbrio pode ser encontrada no budismo e na meditação. "Mas quando se procura o imediatismo, o ganho é insignificante. As pessoas precisam mudar hábitos, fazer com frequência a meditação", avisa. E ensina: a felicidade está dentro da gente. "Para o budismo, tudo é impermanente, interdependente e insubstancial", afirma.

A comunidade que frequenta o Templo Budista também conta com práticas orientais, como yoga e artes marciais. Aos sábados, há a tradicional feira orgânica. E durante todo o mês de agosto há festas com comida, dança e cultura japonesa.

Monge Sato: sincretismo é uma tendência mundial, uma marca do pós-modernismo

JOSÉ ROSA



Templo Budista na 315/316 sul: filosofia oriental, meditação, yoga e artes marciais

ARTHUR MONTEIRO

Aperfeiçoamento da humanidade

Alguns místicos dizem que Brasília é o berço e ponto de partida para o aperfeiçoamento da humanidade na Era de Aquário – era de luz e beleza que, acreditam os astrólogos, proporcionará um novo período de prosperidade espiritual. Os ufólogos afirmam que a região é um ponto privilegiado para a comunicação com os extraterrestres. São inúmeras as especulações sobre a vocação mística da capital.

Aluno da professora Deis Siqueira, Fernando José de Almeida diz, na monografia *Hospitalidade e religiosidade*, que as pessoas buscam, em geral, "experienciar a ampliação da consciência e ver-se numa saga de autoconhecimento que não se restrinja a meramente acumular bens e patrimônios, a apenas alimentar-se bem, a apenas morar bem, a apenas viajar e ter amigos fraternos. (...) Porque no fundo as pessoas estão buscando a si próprias, o Divino interno que aí reside e quer se manifestar livremente."

O autor afirma que essas pessoas são apoiadas por práticas reconhecidamente relaxantes, como a meditação, a yoga, o tai-chi-chuan e outras, que as ajudam a realizar melhor suas tarefas, quando retornam aos fazeres do dia a dia e às relações familiares e sociais, que podem ser, a partir daí, mais harmônicas.

Foi o que procurou a servidora pública Maria Cristina Holanda, 49 anos, adepta do Budismo há cinco anos. Praticante e tutora de meditação, ela encontrou na filosofia oriental a tranquilidade que procurava. "Passei a ter mais energia e a me estressar menos. Aprendi que precisamos viver cada momento, independente de onde estivermos", explica.

Maria Cristina é quem toca o sino do Templo Budista todos os dias, às 7h. Em seguida, faz meditação. Começou a fazer isso depois que o monge Haritani faleceu, em dezembro passado. A servidora é casada com o monge Sato, responsável pelo Templo. Ele toca o sino às 18h. "As pessoas estranham quando digo que moro no templo. Mudei meus hábitos, durmo cedo e me senti com a nobre missão de tocar o sino", conta Maria Cristina. Tocar o sino representa louvar Buda e alegrar o espírito.

Sem discriminação: cultos da Igreja Messiânica reúnem praticantes de várias religiões, como católica, espírita e budista

"Inteligência espiritual"

Independentemente da filosofia de vida, quem busca Deus busca conforto espiritual. E é assim que os frequentadores e membros da Igreja Messiânica Mundial do Brasil recebem *johrei*, uma oração ministrada por meio das mãos que serve para elevar e purificar o espírito. Eles acreditam que assim o corpo físico se libera das "toxinas" que aparecem na forma de conflito e doença.

A Messiânica é uma religião japonesa fundada por Mokiti Okada, introduzida no Brasil em 1955 e que hoje reúne três milhões de seguidores em todo o mundo. Tem no espiritualismo e no altruísmo as bases essenciais para a concretização do mundo ideal, isento de doença, pobreza e conflito. Seu fundador, também conhecido por Meishu-Sama, incentivou a prática do altruísmo e a apreciação do belo como formas para a elevação da sensibilidade. Defendeu também a aplicação de um método agrícola sustentável, que preserva o meio ambiente e promove a saúde de produtores e consumidores, oferecendo alimentos puros e saborosos.

FOTOS: ARTHUR MONTEIRO

O reverendo Éden Mendes é o responsável pela igreja em Brasília e Goiás. Antes de vir à capital, morou em Mato Grosso e no Rio de Janeiro. Ele diz sentir diferença entre os frequentadores das cidades. "Em Brasília, os moradores têm uma espiritualidade tão profunda que conseguem alcançar com mais rapidez a inteligência espiritual. Aqui existe uma atmosfera espiritual vibrante, o que provoca uma elevação mais intensa para quem procura esse caminho", afirma.

Os cultos da Messiânica no templo da 315/316 norte – outro prédio em formato de pirâmide – reúnem católicos, espíritas, budistas. Ninguém é tratado diferente por professar outra fé. O reverendo acredita que a igreja tem a missão de unir todas as religiões para transformar o mundo em que vivemos. "Não haverá paz mundial enquanto houver sectarismo religioso", acredita.

Para Éden Mendes, os moradores de Brasília possuem religiosidade, mesmo que digam não ter religião. E afirma que o momento que vive a cidade, com o escândalo que terminou com o afastamento e prisão do governador José Roberto Arruda, tem um significado espiritual. "Esse momento que vive a política da cidade, para nós messiânicos, é uma purificação espiritual que chega com os 50 anos. O número cinco, na simbologia japonesa, representa a purificação pelo fogo. O momento é de grandes mudanças", prevê. O sacerdote vai além. Ele diz que Brasília irradia energia para todo o Brasil, seja negativa ou positiva. "Os políticos daqui precisam dar exemplo", completa.

Éden Mendes acha que a crise política pode significar uma limpeza espiritual nos 50 anos de Brasília: "O número cinco, na simbologia japonesa, representa a purificação pelo fogo"

Para encher os olhos

Gostaria de ver de perto a mesa onde a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea? Quer ler a primeira carta brasileira, a que Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei de Portugal, com o famoso trecho onde diz que nessa terra, "em se plantando, tudo dá"? Ou ver objetos que pertenceram ao Padre Cícero, conhecer o Ford Bigode 1929 dirigido pelo Marechal Rondon, olhar de perto fósseis pré-históricos de animais que viveram há milhões de anos, ver armas usadas no século XIV? Se nada disso atiça sua curiosidade, talvez você se interesse em admirar de perto algumas pedras preciosas como diamantes, rubis, esmeraldas, ametistas, quartzos, safiras, topázios... Ou analisar os equipamentos e as pesquisas do Observatório Sismológico da UnB, que detecta terremotos pelo planeta afora.

Tudo isso está à disposição do brasiliense nos muitos – e pouco visitados – museus da cidade. Apesar do descaso governamental com os espaços e das minguadas verbas dedicadas à cultura, as cerca de quatro dezenas de museus sobrevivem bravamente, mantidas por instituições públicas ou privadas. Podem ser pequenos, como o Museu de Arte e Tradições do Nordeste da Casa do Ceará, ou famosos monumentos turísticos como o Congresso Nacional – em qualquer caso, eles têm sempre um conteúdo rico a oferecer para adultos e crianças. Para as crianças, são especialmente importante as oportunidades de complementar e aprofundar as informações da escola com uma vivência concreta. Conheça os museus com seus filhos – fazer isso em família é uma receita certa para fixar para sempre na memória o prazer de ver, aprender, informar-se.

Antônio Poteiro: obra do mestre *naif* é um dos tesouros do acervo da Caixa Cultural

FOTOS: JOSÉ ROSA

Congresso Nacional

O Senado e a Câmara realizam em parceria um programa de visitas guiadas ao Congresso. O roteiro mostra os pontos principais das duas Casas e aborda temas como a arquitetura, a história, o papel do Congresso, a estrutura e o funcionamento do Legislativo no Brasil. O visitante tem acesso a inúmeras obras de arte, como os painéis de azulejos criados por Athos Bulcão, o jardim concebido pelo paisagista Burle Marx e o *Anjo*, escultura de Alfredo Ceschiatti.

As visitas acontecem todos os dias, inclusive aos sábados, domingos e feriados, das 9h30 às 17 horas. A cada trinta minutos há saídas de grupos a partir do Salão Negro. A entrada é feita pela rampa, na face que fica voltada para a Esplanada. Para visitantes individuais ou pequenos grupos não é necessário agendamento prévio. As visitas para grupos com 15 ou mais integrantes, ou para pessoas com necessidades especiais, devem agendadas na Seção de Visitação da Câmara, pelos telefones 3216-1771 ou 3216-1772, das 9h às 17h, ou no site http://www2.camara.gov.br/conheca/visiteacamara/formulario-de-visitacao.

Memorial JK

Projetado por Oscar Niemeyer, o prédio possui uma câmara mortuária de forte impacto visual, que abriga o corpo de Juscelino Kubitschek. O museu expõe a biblioteca pessoal do presidente e muitos objetos históricos, além de fotografias e obras de arte. Fica no Eixo Monumental. Visitação: de terça a domingo, das 9h às 18h. Informações: 3226-7860.

Museu da Caixa Econômica Federal

Abrange um longo período das artes plásticas no Brasil e guarda uma das mais completas coleções de obras de arte do país. As cinco galerias expõem trabalhos em um amplo leque de expressões artísticas. Endereço: Setor Bancário Sul, Quadra 4, lote 3/4, anexo do edifício matriz da Caixa. Visitação: terça a domingo, das 9h às 21h. Visitas monitoradas podem ser agendadas pelo telefone 3206-9450, de 8h às 12h e de 13h às 18h.

Museu Vivo da Memória Candanga

Abriga a coleção Mário Moreira Fontenelle, com fotografias que registram a construção de Brasília passo a passo. Abriga também móveis e objetos de prédios históricos, como o primeiro hospital de Brasília e o primeiro hotel de luxo, destruído por um incêndio em 1978. Atualmente expõe, ain-

Catetinho: móveis e objetos de JK ■ Ford Bigode de 1929: à mostra Museu Postal ■ O Porto: Tarsila do Amaral no Banco Central ■ Museu Vivo da

da, as peças de artesanato e arte popular do Museu de Arte de Brasília (MAB). Outras cinco coleções permanentes formam o acervo. Cada coleção conta uma história: Poeira, Lona e Concreto, Os Muitos Mestres que Enriquecem Nossas Vidas, O Cerrado de Pau de Pedro e Tradição e Renovação – novos caminhos. Localização: EPIA Sul, SPMS, Lote D, Núcleo Bandeirante. Visitação: terça a domingo, das 9h às 17h. Informações: 3301-3590.

Museu do Banco Central

Guarda um precioso acervo de obras de artistas como Alberto Guignard, Alfredo Volpi, Antônio Bandeira, Candido Portinari, Salvador Dalí e Tarsila do Amaral, entre outros. Além disso, o Museu de Valores reúne objetos do universo dos valores monetários, como mercadorias que já foram utilizadas como meio de pagamento, pesos monetários, medalhas, condecorações, sinetes etc. Mostra também as diversas etapas dos processos de fabricação do dinheiro, com peças como desenhos originais, matrizes, cunhos, discos monetários, papéis de segurança, estudo de cores, folhas progressivas etc. Fica no SBS, Quadra 3, bloco B1, subsolo. Visitação: terça a sexta, das 10h às 17h30; sábado e domingo das 14h às 18h. Informações: 3414-2093.

Palácio do Itamaraty

Sede do Ministério de Relações Exteriores, abriga em seus salões obras de arte antigas e modernas. Possui um dos maiores acervos artísticos do Brasil, além de pinturas históricas como *O grito do Ipiranga,* de Pedro Américo, e *Coração de Dom Pedro I pelo bispo do Rio de Janeiro,* do francês Jean-Baptiste Debret. O mobiliário também se destaca: expõe, por exemplo, a mesa onde a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea. O Palácio do Itamaraty fica na Esplanada dos Ministérios, próximo ao Congresso Nacional. A visitação é diária, mas é preciso agendar pelo telefone 3411-8051.

Memorial dos Povos Indígenas

Foi criado para mostrar a diversidade e a riqueza da cultura indígena de forma dinâmica e viva. O prédio foi projetado por Oscar Niemeyer na forma de maloca redonda dos índios yanomami. No acervo existem peças representativas de várias tribos indígenas, colares, cocares e exemplares da coleção Darcy-Berta-Galvão. Fica no Eixo Monumental, Praça do Buriti, em frente ao Memorial JK. Visitação: segunda a sexta, das 9h às 18h; sábados, domingos e feriados das 10h às 18h. A entrada franca. Informações: 3342-1157, 3344-1154, 3342-1156.

Museu Nacional da República

Inaugurado em dezembro de 2006, foi a mais recente obra de Niemeyer em Brasília. Possui uma área de 14,5 mil metros quadrados e tem a forma de uma meia esfera. Só a arquitetura já vale a visita, mas o Museu oferece durante todo o ano exposições de artes plásticas, fotografia, obras multimídia e várias outras mostras em várias áreas do conhecimento. Fica na Esplanada dos Ministérios, próximo à rodoviária.

Museu do Catetinho

Todo construído em madeira, foi a primeira residência presidencial de Brasília e o primeiro projeto de Oscar Niemeyer para a cidade. Conserva móveis, objetos pessoais e de trabalho do presidente Juscelino Kubitschek. Na sala de vídeo são exibidos filmes sobre a construção da capital. Fica no km 0 da rodovia BR-040. Informações: 3338-8694.

Museu da Imprensa Nacional

O acervo é formado por peças e documentos raros, alguns únicos, como a planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que foi o primeiro clichê de um desenho feito no Brasil. Inaugurado em 13 de maio de 1982, fica nos jardins da Imprensa Nacional, no SIG, Quadra 6, lote 800. Visitação: de segunda a sexta, das 8h às 17h. Informações: 3441-9618, 3441-9680.

Museu Postal e Telegráfico da ECT

Abriga mais de mil peças, com destaque para a coleção filatélica com mais de um milhão de selos; as matrizes do Olho-de-Boi, primeiro selo brasileiro; o Ford Bigode 1929 que pertenceu ao Marechal Rondon; um telefone pé-de-ferro; um transmissor Breguet; a carta que Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei de Portugal, primeira da história do país; e uma caixa de coleta dos tempos do Império. Também são expostas permanentemente as inovações nos meios de comunicação e a evolução dos correios no Brasil. Endereço: Setor Comercial Sul, Ed. Apolo, Bl. A, nº 230. Visitação: terça a sexta, das 9h às 18h, e sábado das 9h às 13h. Informações: 3535-8619.

Museu Nacional de Gemas

Expõe uma rica coleção de pedras e cristais de todo o país, com exemplares brutos e lapidados de diamantes, rubis, esmeraldas, ametistas, quartzos, safiras e topázios, entre outros. Fica no Salão Panorâmico da Torre de Televisão. Visitação: segunda a sexta das 10h às 18h; sábado das 10h às 16h. A entrada custa R$ 3. Informações: 3321-0109.

Espaço Oscar Niemeyer

Projetado por Niemeyer, o espaço, inaugurado em 1988, possui exposição permanente com projetos, croquis, maquetes de Brasília e desenhos do gênio da arquitetura. Foi reformado em 2002, quando o acervo também foi atualizado e modernizado, incorporando novas tecnologias multimídias. Fica na Praça dos Três Poderes. Visitação: terça a domingo, das 10h às 17h. Informações: 3224-9763.

Museu Histórico e Artístico de Planaltina

Maior patrimônio histórico de Planaltina, foi inaugurado em 1974 e mostra móveis, objetos, fotografias e documentos dos primeiros moradores da cidade, que hoje tem 150 anos. A casa em estilo colonial é tombada como Patrimônio Histórico Nacional. Endereço: Praça Salviano Guimarães, nº 24, Setor Tradicional, Planaltina. Visitação: de terça a domingo, das 9h às 17h. Entrada gratuita. Informações: 3389-2243, 3388-2643.

Mostra Permanente de Sismologia

Expõe equipamentos e resultados das pesquisas desenvolvidas pelo Observatório Sismológico da Universidade de Brasília. Localização: L2 Norte, Campus Universitário Darcy Ribeiro. Visitação:

Memória Candanga ■ Memorial dos Povos Indígenas: diversidade ■ Carta de Pero Vaz ■ Museu Histórico de Planaltina: casa colonial ■ Casa do Ceará

segunda de 8h às 12h, terça e quarta de 14h às 18h. Informações: 3349-4453.

Museu de Arte e Tradições do Nordeste

Mantido pela Casa do Ceará, tem acervo permanente com elementos que da cultura nordestina: pertences de padre Cícero, uma porta talhada por Ataíde, chapéus de palha, lamparinas... Possui também fósseis de Santana do Cariri e paineis sobre a cultura Tapeba, dos povos pré-históricos do Ceará. Fica na 910 norte, conjunto F. Visitação: segunda a sexta, das 8h às 17h. Entrada gratuita. Informações: 3533-3800.

Museu da Justiça Eleitoral

O acervo permanente mostra elementos que explicam a evolução do voto no país: urnas de madeira, ferro e lona, urnas eletrônicas, paineis que retratam a história das eleições. Fica no Setor de Autarquias Sul, Praça dos Tribunais Superiores, no prédio do TSE. Atualmente o espaço está em reforma; é preciso agendar a visita pelo telefone 3316-3000.

Museu da Previdência e Assistência Social

Seu acervo é formado pelos primeiros processos de aposentadoria concedidas no Brasil. Fica no Setor de Autarquias Sul, bloco P, térreo. Visitação: segunda a sexta, das 8h às 18h.

Museu de Armas da Academia de Policia Civil

Mantém expostos em vitrines os mais variados modelos de armas fabricados no mundo, desde o século XIV até a atualidade. Visitação: segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h às 18h. Informações: 3336-3335, 3336-2777, 3336-3669, 3336-3868.

Museu do STF

Atualmente denominado Seção de Memória Institucional, realiza mostras periódicas e expõe também um acervo permanente com obras de artistas como Romanelli e Uragami, além de esculturas e maquetes. Fica no edifício sede do STF, na Praça dos Três Poderes. Visitação: segunda a sexta, das 13h às 18h; sábado e domingo, das 10h às 14h. Informações pelo telefone 3217-3000.

...e você, já foi?

Brasília tem só cinquenta anos, mas já tem muita história para contar. Isso está registrado nos trinta museus espalhados pela cidade. Pouco conhecidos e visitados, eles contam com pouca divulgação para atrair o público. E você, servidor, conheceu os museus da capital? O que achou deles? Levou as crianças?

FOTOS: ARTHUR MONTEIRO

Acho que os brasilienses têm obrigação de conhecer o Memorial JK; é fantástico. Conheço também os museu dos Correios, do Banco Central e o Memorial dos Povos Indígenas. O MAB tem um acervo muito bonito, principalmente de artistas da cidade. Falta divulgação, mas também falta o hábito da visitação.

Ivan Batista de Carvalho, analista judiciário do STF

Conheço os principais museus do mundo. Aqui acho que eles estão descuidados e isso desestimula. Mas levei meu filho a uma exposição ao Museu do Automóvel e ele adorou. Em termos culturais, Brasília é uma cidade privilegiada, com muitas exposições. As pessoas deveriam valorizar a cultura local. Eu consigo educar meu filho culturalmente em Brasília.

Noemia Colonna, técnica judiciária do TRT

Já visitei o museu da CEF, Memorial JK, Espaço Lucio Costa, Itamaraty...
Sou brasiliense, tenho dois filhos e tiramos alguns domingos para visitar museus, acho isso importante. Participei até de um passeio escolar deles, só para conhecer o Catetinho. Os moradores devem conhecer a história da cidade.

Mônica Fischer, analista judiciária do STF

Eu vou a museus e exposições com a família. Adoro o Museu da CEF. Estou com 60 anos e algumas peças que usei que já estão lá, como as cadeiras de barbearia e de engraxate. Brasília tem um polo cultural fantástico, shows, exposições, cinema, teatro. Mas os museus merecem mais divulgação. E eu sinto falta da concha acústica...

Flaubert Barbosa, analista judiciário do TRT

Eu moro em Brasília há 40 anos e tenho uma reclamação: a capital não tem um museu de história natural. O MAB fica escondido e mal podemos visitá-lo. Os museus de Brasília parecem amostras, nem se compraram aos do Rio e São Paulo. Aqui, além de pequenos e mal cuidados, eles ficam em pontos complicados de visitar.

Rosani Amaral, analista judiciária do TRT

Fui somente ao museu do Supremo. Infelizmente, acho que visitar museus não faz parte da nossa cultura. Meus pais não me levavam, por isso não tenho esse hábito. Tenho três filhos, mas os levo mais a exposições e feiras, como a Feira do Livro.Acho que os museus de Brasília carecem de marketing e divulgação.

Reginaldo Coutinho, analista judiciário do STF

Visitei o Memorial JK com minhas filhas, mas achei fúnebre, não me senti motivada a voltar. Em viagens costumo visitar museus, mas gosto de lugares organizados e iluminados, como o Louvre. Acho que a divulgação em Brasília não é boa, e sinto falta de um museu de arte. Também faltam atrativos para conquistar crianças e adolescentes.

Maria Coeli Cabral de Araújo, analista judiciária do TRT

Os museus são importantes porque resgatam a história do país. Já visitei o Memorial JK e o Memorial dos Povos Indígenas. Quando eu era criança meus pais me levaram a vários museus; isso despertou o meu interesse. Tenho uma filha de quatro anos e sinto falta de exposições mais lúdicas para conquistar as crianças.

Ana Cristina Paes, analista judiciária do STF

Já fui ao museu da Polícia Federal, em uma exposição sobre drogas, e ao Museu da História Candanga. Tenho um filho de sete anos e tento levá-lo quando possível. Acredito que as visitas contribuem para que os filhos cresçam culturalmente e como cidadãos, mas os museus ainda não são bem divulgados.

Lucylene Valério Rocha, analista judiciária do STF

Visitei o Museu da República, o Memorial JK... Quando viajo, procuro conhecer a história da cidade pelos museus. Sou formado em História e gosto de saber a forma como as pessoas viveram, as heranças que deixaram. Acho que faltam atividades culturais em Brasília e isso se vê nos feriados, quando a cidade fica vazia.

Danilo Batista Correia, técnico judiciário do TRT

Praticamente bato ponto no Museu do Catetinho, sou apaixonada por ele. Adoro o Museu de Arte de Brasília também. Tenho oito sobrinhos, nunca levei todos a um museu, mas acho que três já saíram comigo. Imaginamos que as crianças odiariam visitar um museu, mas é o contrário, elas se empolgam, ficam curiosas.

Brésia Soares dos Santos, técnica judiciária do STF

Adoro o Museu da República e as exposições temporárias do museu do Supremo. O Espaço Israel Pinheiro, apesar de pequeno, traz a história de Brasília de forma interativa e é muito interessante. Conheço o Museu do Candango e o Catetinho. Já levei minha filha a museus duas vezes, porque isso desperta o interesse cultural.

Lílian Januzzi Vilas Boas, analista judiciária do STF

USHA VELASCO

Espaço é patrimônio

O Plano Piloto não foi tombado pelo que tem de construído, mas pelos espaços vazios que tornam únicas as escalas urbanas da cidade

O tombamento de Brasília pela Unesco, em 1987, é claro: com exceção dos monumentos de Oscar Niemeyer, o Plano Piloto não foi tombado pelo que tem de construído, mas pelos espaços não construídos. O que é protegido na capital da República são as chamadas escalas urbanas: as relações entre as áreas construídas e não construídas e a população que vive no local.

Os vazios são valorizados; as grandes avenidas são circundadas por gramados; os prédios que abrigam os órgãos governamentais possuem regras rígidas de ocupação. Tudo isso transforma a capital em um lugar único.

E

ARTHUR MONTEIRO

A linha reta dos prédios se mistura à sinuosidade das curvas das ruas e avenidas. É a arquitetura que se mescla à funcionalidade. Niemeyer não abre mão e sentencia: "Preservem os espaços vazios". Mas a questão está acima de opiniões contra ou a favor, já que Brasília tornou-se Patrimônio da Humanidade.

Há quem reclame de "engessamento" – a especulação imobiliária adoraria ver um sétimo andar nas superquadras. Um edifício residencial de seis andares pode até ser derrubado, mas é impositivo que se construa outro com a mesma área. O tombamento de Brasília é volumétrico, ou seja, não é possível alterar a altura dos prédios. Os parquinhos e escolas em meio aos prédios e árvores são sagrados.

FOTOS: USHA VELASCO

Em 1985, o governador José Aparecido de Oliveira encaminhou a candidatura de Brasília a patrimônio mundial; em 1987 a Unesco aprovou o pedido. O governo local precisou elaborar uma legislação para garantir a preservação da cidade.

Três anos depois da decisão da Unesco, o governo federal inscreveu o Plano Piloto no Livro do Tombo Histórico, em 14 de março de 1990. Com isso, a proteção a Brasília passou a ser fiscalizada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Mesmo assim as áreas tombadas são alvo de agressões, às vezes por parte dos próprios moradores. É o caso das grades colocadas nos pilotis de alguns blocos residenciais. O STJ ordenou a retirada dessas cercas em janeiro deste ano. A riqueza de Brasília são os seus espaços livres.

FOTOS: ARTHUR MONTEIRO

PCCR

A luta agora é no Congresso.

PARTICIPE!